

KAFKA

HISTÓRIAS E FRAGMENTOS REUNIDOS 1922-1924

UM ARTISTA DA FOME

INTRODUÇÃO, ORGANIZAÇÃO,
TRADUÇÃO DO ORIGINAL E NOTAS DE
BRUNO C. DUARTE



Índice

<i>Introdução</i>	9
<i>Nota prévia do tradutor</i>	29

PREÂMBULO

Carta a Max Brod, 5 de Julho de 1922	41
--------------------------------------	----

MANUSCRITOS DO ESPÓLIO 1922-1924

I. [Spindelmühle Janeiro – Fevereiro de 1922]	47
II. [Spindelmühle Janeiro – Fevereiro de 1922]	49
III. [Praga Primavera – Verão de 1922]	53
IV. [Praga Primavera – Verão de 1922]	55
V. [Matliary, Planá, Praga 1915, 1921, Primavera – Verão de 1922]	57
VI. [Praga Setembro – Outubro de 1922]	123
VII. [Praga Outubro de 1922]	139
VIII. [Planá Junho de 1922]	149
IX. [Planá Junho de 1922]	155
X. [Praga Agosto de 1922]	157

XI.	[Praga Setembro de 1922]	163
XII.	[Praga Outubro – Novembro de 1922]	165
XIII.	[Praga Outubro – Novembro de 1922]	181
XIV.	[Praga Outono de 1922 – Primavera-Verão de 1923]	187
XV.	[Berlim Outono de 1923]	189
XVI.	[Berlim Outono de 1923 – Inverno de 1923-1924]	191
XVII.	[Berlim Novembro – Dezembro de 1923]	215
XVIII.	[Berlim Dezembro de 1923 – Janeiro de 1924]	255
XIX.	[Berlim – Praga Primavera de 1924]	267

UM ARTISTA DA FOME

Quatro Histórias

(1924)

Primeiro sofrimento	293
Uma mulher pequena	297
Um artista da fome	307
Josefine, a Cantora ou O Povo dos Ratos	319

EPÍLOGO

Carta a Robert Klopstock, Março de 1923	343
<i>Notas</i>	345
<i>Cronologia</i>	385

MANUSCRITOS DO ESPÓLIO

1922-1924

[I]

De repente estavam ali parados, numa fila, dez. Eram quase todos iguais, rostos magros, escuros, escanhoados, com bicos de abutre no lugar do nariz. Não são homens, pensava-se logo, será que existem homens com as bochechas assim tão encovadas, em cujas cavidades a pele pende enrugada.

Vinte pequenos coveiros, nenhum deles maior do que uma pinha de tamanho médio, formam um grupo autônomo. Têm uma barraca de madeira no bosque da montanha, é ali que descansam depois do seu trabalho duro. Há ali muito fumo, gritos e cantoria, como é normal quando se juntam vinte operários. Como é alegre esta gente! Ninguém lhes paga, ninguém os equipa, ninguém lhes atribuiu uma tarefa. Foram eles que por iniciativa própria escolheram o seu trabalho, são eles que por iniciativa própria o executam. Ainda há algum espírito viril na nossa época. Não é qualquer um que se daria por satisfeito com o trabalho que fazem, talvez nem os satisfaça por completo, mas não abrem mão da decisão que tomaram um dia, e seja como for estão habituados a arrastar as cargas mais pesadas através do mato mais cerrado. A algazarra da festa dura desde a manhã até à meia-noite.

Uns contam histórias, outros cantam, há ainda uns quantos que fumam o seu cachimbo em silêncio, mas todos vão fazendo circular à volta da mesa a grande garrafa de aguardente. À meia-noite, o chefe levanta-se e bate na mesa, os homens tiram os bonés dos pregos na parede; pegam nas cordas, nas pás e picaretas que estavam no canto da sala, põem-se em fila, sempre dois a dois.

Onde está o F.? Já não o vejo há muito tempo.

O F.? Não sabe onde está o F.? O F. está num labirinto, o mais certo é nunca mais sair de lá.

O F.? O nosso F.? O F., o das barbas?

Esse mesmo.

Num labirinto?

Sim.

[II]

Olhei pela janela, cansado, meio deitado. Um meu conhecido dobrou a esquina da igreja, um comerciante, um velho de barba rala e comprida. Deu por mim, parecia contente por me ver e chamou-me, se eu não queria acompanhá-lo,

Então ficou decidido, e aterrámos. Estava lua cheia e um ar fresco. Não falávamos, na verdade só porque

Durante um passeio de domingo tinha-me afastado da cidade mais do que tencionara fazer. E já que fora até ali, senti-me impelido a ir ainda mais longe. Numa encosta havia um velho carvalho muito curvado mas não muito grande. De alguma forma fez com que me lembrasse que estava afinal na hora de regressar. Já tinha anoitecido há algum tempo. Fiquei de pé à sua frente, acariciei a sua casca dura e li dois nomes que estavam gravados nele. Mas li-os sem os fixar, era como uma teimosia infantil, que, já que não podia ir mais longe, pelo menos me retinha ali, para não me deixar voltar

para trás. Às vezes fica-se sob o feitiço de forças assim, que facilmente se consegue quebrar, na verdade é apenas qualquer coisa como uma gentil brincadeira de um desconhecido, mas era domingo, não tinha nenhum compromisso, já estava cansado e por isso entreguei-me àquilo.

Reparei então que um dos nomes era Josef e lembrei-me de um amigo de escola que se chamava assim. Na minha lembrança era um miúdo baixinho, talvez o mais baixo da turma, durante alguns anos sentara-se ao meu lado no mesmo banco. Era feio, até a nós, que nessa altura dávamos mais valor à força e à habilidade – e ele era dotado de ambas – do que à beleza, nos parecia muito feio.

Fomos a correr até à frente da casa. Estava ali um mendigo com uma harmónica. A roupa que tinha vestida, uma espécie de sotaina, estava de tal maneira esfarrapada na parte de baixo, que era como se o tecido não tivesse sido cortado de um pedaço de pano mas arrancado com violência. E com ela condizia de alguma maneira o ar confuso do mendigo, que parecia ter sido despertado de um sono profundo e não ser capaz de se orientar apesar de todos os seus esforços. Era como se adormecesse sempre de novo e o acordassem sempre de novo.

Nós crianças não ousámos dirigir-lhe a palavra e pedir-lhe que tocasse uma canção como costumávamos fazer com os músicos pedintes. Além disso ele não parava de nos examinar com os olhos, como se tivesse reparado na nossa presença, mas não nos conseguisse ver tão claramente como queria.

Assim, esperámos até o pai chegar. Estava lá atrás, na oficina, demorou algum tempo até que atravessasse o comprido corredor. «Quem és tu?», perguntou ele em voz alta e severamente ao aproximar-se, de olhar carrancudo, talvez não estivesse satisfeito com o nosso comportamento para com

o mendigo, mas a verdade é que não tínhamos feito nada e fosse como fosse ainda não tínhamos feito mal nenhum. Ficámos ainda mais calados, se é que isso era possível. Aliás estava tudo no mais completo silêncio, só a tília em frente da nossa casa sussurrava.

«Venho de Itália», disse o mendigo, mas não como uma resposta, antes como uma confissão de culpa. Era como se reconhecesse no nosso pai o seu senhor. Apertou a harmónica contra o peito.

que o guardasse. Assim fiz e ele disse: «Estou em viagem, não me incomode, abra a sua camisa e aproxime de mim o seu corpo.» Assim fiz, ele deu um grande passo e desapareceu em mim como numa casa. Estiquei-me como se estivesse num espaço estreito, quase perdi os sentidos, deixei cair a pá e fui para casa. Estavam lá uns homens sentados à mesa e comiam da mesma travessa, as duas mulheres estavam junto ao fogão e ao lava-louça. Conteí logo o que me acontecera, enquanto me deixava cair no banco ao lado da porta, todos estavam em meu redor. Foram a uma quinta ali perto chamar um velho muito experimentado. Enquanto esperávamos por ele, vieram ao meu encontro umas crianças, demos as mãos, entrelaçámos os dedos,